



MENSAGEM AOS PREFEITOS ELEITOS



Altair Sales Barbosa

Em seu livro *Estórias para quem gosta de ensinar*, o educador Rubem Alves, nos brinda com uma fábula do mundo das aves, muito rica em todo seu conteúdo. Assim diz o autor:



“Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... Os urubus, aves por natureza becadadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza, eles haveriam de tornar grandes cantores. E para isso fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão para mandar nos outros. Foi assim que eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu-titular, a quem chamam por Vossa Excelência.

Tudo ia bem até que a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida e a floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás... Os velhos urubus entortaram o bico e convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito...

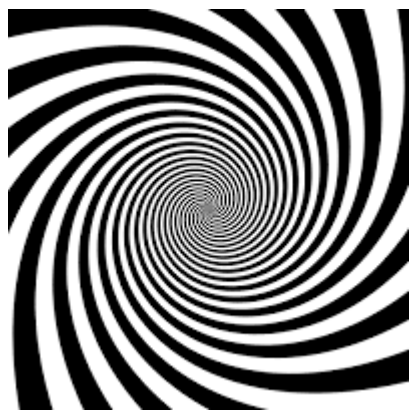


– onde estão os documentos de seus concursos? E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse. Não haviam passado por escolas de canto porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente...
- Não, assim não pode ser. Cantar sem titulação devida é um desrespeito à ordem.
E os urubus, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...



Moral: em terra de urubu diplomado não se ouve canto de sabiá”.

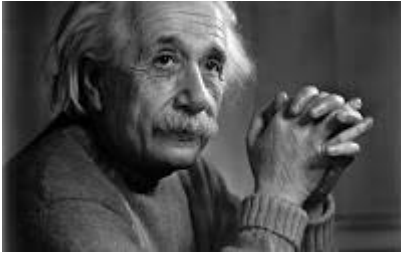
Prezados executivos municipais eleitos em 2016, a fábula acima reflete o que também pensavam Paulo Freire, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, posicionados entre os maiores filósofos da educação do século XX. Eles foram unânimes em afirmar: que o maior analfabeto não é aquele que não sabe ler, mas aquele que lê e não entende o que leu. Em outras palavras é aquele que não entende e não enxerga os sinais que a realidade atual insiste em colocá-los bem à nossa frente e que bailam diante de nós, como borboletas diante das plantas floridas.



A espiral da ignorância analfabética, chegou ao ápice nos tempos atuais, onde produção de conhecimentos, produção cultural, saberes e culturas tradicionais, de nada valem diante da burocracia, que tal qual uma cerca mal feita de arame farpado tomou conta das escolas públicas, contribuindo para a falência da educação brasileira, cujo desempenho dos mais letrados urubus é incapaz de gorjear uma nota afinada e a escola incapaz de propor uma Pedagogia da Esperança, ou para a Esperança.

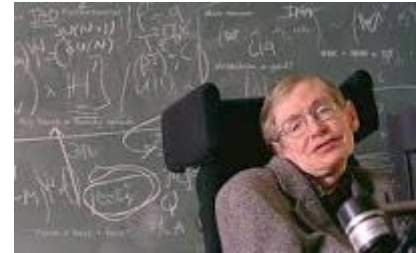
Portanto, digníssimos prefeitos eleitos, que tanto aprenderam com a história, Vossas Senhorias tem em suas mãos uma chance de ouro. Uma chance única, que embora tenha chegado através de circunstâncias nebulosas, que conduziram a sociedade para o caminho em que se encontra, mas que por outro lado, essas mesmas circunstâncias apontam que através de uma *educação singular*, pode-se alcançar dias de glória para esta sociedade, mesmo que difícil e ainda, que demore um pouco, mas os alicerces de conquistas futuras bem sucedidas podem ser lançados, através de uma ênfase holística e sólida capaz de sustentar uma política segura para a educação.

O caminho para o êxito, pode se assemelhar a uma encruzilhada, mas a sabedoria, conhecimento e discernimento podem apontar o rumo correto.



O primeiro discernimento é a clareza referente ao *conceito de tempo*, claro que neste espaço é impossível discuti-lo em profundidade desde Einstein até Hawking. Mas seria de grande utilidade que se levasse em consideração alguns tipos de tempo: *o tempo cosmológico*, medido em vários bilhões de anos, *o tempo geológico* calculado em alguns bilhões, milhões e milhares de anos; *o tempo da humanidade* calculado em alguns milhares de anos, *o tempo do homem*, calculado em algumas décadas, o tempo do mandato, calculado em alguns meses e *o tempo da sobrevivência*. Desses é preciso aproveitar muito bem os dois últimos.

O tempo do mandato, tem que ser muito bem utilizado, para que nos poucos meses possam ser concretizadas as bases para o presente e alicerçadas obras para um porvir lotado de esperanças.



O tempo do mandato, tem que ser muito bem utilizado, para que nos poucos meses possam ser concretizadas as bases para o presente e alicerçadas obras para um porvir lotado de esperanças.



O tempo da sobrevivência, é aquele tipo de tempo que se situa no fio da navalha e por isto, está bem no limite entre a vida e a morte, entre as perspectivas ou as decepções, entre a alienação total ou a busca da felicidade. Para este tempo os remédios devem ser emergenciais, porque o tempo da sobrevivência não tem tempo de esperar.

Atualmente, torna-se impossível compreender fenômenos científicos, sociais e comportamentais, tomando como princípio os paradigmas que fundamentaram o pensamento científico dos séculos XVIII, XIX, XX e até os do século XXI. Isto porque estamos presenciando a maior revolução da história da humanidade, onde o espaço entre um evento revolucionário e outro diminui com o tempo. O que se presencia atualmente, não é somente uma revolução política, social ou econômica, mas uma revolução global – a revolução do próprio Homem.

Marshall MacLuhan foi talvez o primeiro pensador a perceber este fenômeno, exposto de forma clara em sua obra, *A Galáxia de Gutemberg*.

“Após três mil anos de explosão e crescente especialização e alienação nas extensões dos nossos corpos, por uma dramática reviravolta, nosso mundo está se comprimindo. Enquanto eletricamente contraído o globo não é mais que uma aldeia...” (MacLuhan)

Enquanto MacLuhan centra o fenômeno da globalização (aldeia global), nas inovações tecnológicas, Milton Santos, geógrafo brasileiro e mestre pensador, acrescenta também como ingrediente da globalização o Território. Para Santos, o Território é a matriz da vida social, econômica e política de um povo. Num primeiro momento a globalização se caracteriza pela ocupação do Território, num outro momento o fenômeno é caracterizado pela fragmentação deste, fato que aliado às mu-

danças tecnológicas do mundo moderno, cria nas sociedades atuais sensações de mal-estar e inutilidades.

Atualmente estamos, todos nós, presenciando um fenômeno que começa quase que de forma invisível e às vezes até ingênua, mas que afeta de forma cruel, grande parte da sociedade e deixa de mãos atadas os planejadores. Isto acontece por conveniência ou incapacidade. Este fenômeno a que me refiro é denominado de *desterritorialização*.

A desterritorialização traz para a realidade atual a categoria dos *Sem-Terra, Sem-Teto, Sem-Emprego, Sem-Documentos*, etc. Esse fenômeno acentua ainda mais a sensação e a condição de alienação de vários segmentos sociais. Expulsos de suas terras pelos poderosos, através da compra e falsificação de títulos, os posseiros, em cujas posses não legalizadas viviam durante várias gerações, vão buscar abrigo nos centros urbanos ou nos postos de serviços implantados ao longo dos sistemas viários, que experimentam um repentino crescimento. Nestes locais, os sem-terra se transformam também nos sem-teto.



Nos centros urbanos, esta categoria social vai ocupar as periferias, as planícies de inundação dos rios, as encostas dos morros etc. Implodindo qualquer boa intenção de um Plano Diretor Urbano. Nestes locais, as famílias vão estruturando suas vidas e seus espaços, caracterizados pela desorganização social e ambiental. E assim, vão tocando seu viver, até que um belo dia, um dos ciclos naturais provoca, por exemplo, excesso de chuvas. Quando estas se precipitam nos morros, o solo é saturado e a água acumulada no lençol freático, pode se armazenar numa rocha não porosa do substrato, formando um aquíclude que escorre com grande energia, levando tudo que se encontra à sua frente. Quando o aumento da pluviosidade enche os rios, estes transbordam e cobram de volta suas planícies de inundação, que por sua vez estão ocupadas por barracos ou vias expressas marginais. As consequências são destruição, mortes, doenças e a origem de uma situação social ainda mais perversa.

As comunidades desestruturadas não encontram nos pólos urbanos empregos estáveis, que sejam capazes de lhes permitir uma melhor perspectiva de futuro.



Perdidos e carentes, qual cuitelinho sem néctar, num ambiente estranho, são presas fáceis das propagandas enganosas, estimuladoras do consumismo. Também se tornam reféns de uma indústria fonográfica que lhes impõe músicas que cantam e acentuam a situação de depressão e alienação. Impossibilitados economicamente de poderem usufruir dos bens divulgados, pelas pomposas propagandas, muitos vêem a razão da existência perder a própria racionalidade e mergulham na neurose da fuga através dos alucinógenos ou procuram ter, por meio de métodos que a sociedade organizada classifica de atos ilícitos.

A desagregação da família, a prostituição infantil e a perda do amor pela vida, são apenas algumas das consequências ditadas pelo desespero. Esta situação exige medidas de Segurança Pública, que se tornam ineficazes, porque funcionam como um esparadrapo que cobre parte de uma ferida, cuja causa é mais profunda. O ambiente desorganizado, no qual grande parte da sociedade atual tenta sobreviver é capaz de criar mentes desorganizadas, ou comodismo e ociosidade, fatos que acentuam a falta de idealismo, raiz de muitos males, inclusive o mal que está levando a falência da civilização ocidental.



Quando a humanidade percebeu que seus modelos de se relacionar com os outros elementos que compõem o Meio Ambiente poderiam abreviar sua passagem como espécie, pelo planeta Terra, ficou em posição de alerta.

Organizou uma conferência mundial para discutir o assunto. Isto aconteceu em Estocolmo 1972. Vinte anos depois, foi realizada uma outra conferência sobre o mesmo tema, denominada Rio 92. Entre uma conferência e outra, houve eventos menores visando protocolar ações concretas. Neste momento estamos sob as abas da Rio + 20.

Estas conferências, reuniões, discussões e protocolos, trouxeram vários conhecimentos. Entre estes, figura o que possibilitou a humanidade perceber que não passa de uma espécie a mais no Reino Animal, cujo êxito de sobrevivência na Terra, depende da interação harmoniosa dos diversos componentes do Meio Ambiente: atmosfera, hidrosfera, litosfera, biosfera, ventos, regimes climáticos, relevos, ruídos, fogos, energias etc. Entretanto, se por um lado veio o conhecimento, por outro faltou a conscientização. Esta, exige mudanças radicais de atitudes e postura. Isto não aconteceu.



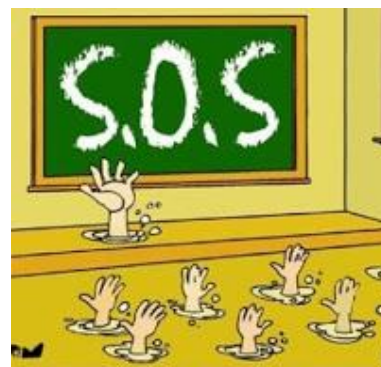
O que se pretende enfatizar é a ideia de que somente o conhecimento do problema, não é suficiente para sua solução. Para que isto aconteça torna-se necessária a tomada de atitudes concretas. Os caminhos para a busca da solução são vários e podem ser mais eficientes se forem interconectados. Estes caminhos, por um lado exigem um novo padrão de educação, o que pressupõe incentivo à criatividade, à pesquisa e à busca de uma nova metodologia pedagógica. Por outro lado, exigem políticas públicas fundamentadas no conhecimento e que levem em consideração as vocações regionais. Faz-se necessário que se combata a miséria e faça o resgate da dignidade humana. É possível que algumas soluções possam exigir também mudanças, as vezes radicais, na orientação política e econômica.

Se mensurarmos globalmente ou regionalmente, as situações ambientais, que não podem ser separadas das questões sociais e econômicas, desde o momento em que se realizou a primeira conferência em Estocolmo, até os dias atuais, constataremos que a qualidade de vida piorou, em função da predação ambiental e da predação social e econômica. Neste período a retirada da vegetação nativa aumentou de maneira assustadora, os cursos dos rios foram alterados, montanhas aplainadas pela atividade mineradora, os aquíferos diminuíram seus reservatórios de água, a violência urbana, tal como fogo em palheiro, tomou proporções antes inconcebíveis, o tráfico de pessoas tornou-se atividade rotineira, as diversas formas de neuroses aumentaram e assim por diante.

No meu modesto modo de ver o mundo, atribuo grande parte desses fatores a falta de criatividade e idealismo que caracteriza a juventude brasileira e quem sabe até a juventude ocidental como um todo. A criatividade é a matriz da competência. Sem criatividade não há idealismo. E, a falta de idealismo reflete a falência da sociedade, e obriga os que buscam a consciência e conseqüentemente a liberdade e a felicidade, a entrarem por caminhos ideológicos, às vezes nunca imaginados.

Na base de todas estas questões, se encontra a educação. Neste sentido, as escolas, tanto as fundamentais, como as médias e as superiores, que por algum tempo eram tidas como continuadoras da família, há muito deixaram de exercer esta função, mergulharam num pântano de lodo mal cheiroso e movediço, que suga a criatividade.

Os professores não conseguem a motivação necessária para transmitir o conteúdo. Isto acontece, porque o conteúdo não traz novidade e não é mais motivador. Grande parte dos alunos já conhece, por outros meios, aquilo que lhes é transmitido. A aula dentro da sala, perde o interesse e o sentido. A escola que outrora se constituía num ponto de encontro para se fazer amizades, trocar ideias e aprender novidades, não é mais nada disso. Hoje, as redes sociais desempenham este papel.



Grande parte das escolas básicas e fundamentais carece de pátios ideais para brincadeiras, não tem bibliotecas, muito menos equipamentos para dinamizar uma aula. E, nem sequer de longe, pode-se mencionar que não possuem laboratórios. Isto é muito luxo, para quem acha que o ensino não necessita de experiências.



Os professores se sentem desmotivados não só pela remuneração. Aliás, para quem nunca ministrou uma aula, pode-se afirmar que não há, na terra, tarefa mais exigente, responsável e cansativa. Porém, também sentem-se desmotivados, porque não são mais respeitados pelos alunos. As associações sindicais de pais de alunos, apoiados pelos meios de comunicação sensacionalistas, são capazes de levar um professor à “Justiça” se este, no intuito de impor a disciplina, alterar um pouco a sua voz na sala de aula.

Aliás, por falar em disciplina, as escolas hoje em dia são vigiadas por policiais, porque viraram pontos de compra, venda e consumo de alucinógenos. A falta de perspectivas faz o aluno buscar esses caminhos.

Sabemos que não se trata de uma tarefa fácil, a influência do efêmero, funciona como uma venda nos olhos que impede vislumbrar as atitudes duradouras e possivelmente eternas, que possam ser tomadas a favor da educação, cuja eficácia é a base de toda sociedade sólida, com valores que perpassam muito tempo e se adaptam com o próprio tempo. Esta palavra foi repetida, para que não esqueçamos do tempo.

Comecei esta crônica com uma fabula avícola. Termine-a não com uma fábula mas com a história real e comovente de uma outra ave, o Dodô, para que dessa história saibamos garimpar sabedorias e de mãos dadas com esta sabedoria, possamos caminhar em direção ao arco-íris.

Contam que o saudoso Douglas Adams, comoveu-se com o triste caso do Dodô. Por causa disso, em um dos episódios da série Doctor Who que ele escreveu para o rádio nos anos 1970, a sala do idoso Professor Chronotis, em Cambridge, fazia às vezes de máquina do tempo, que ele a usava para um único propósito, seu vício secreto: as visitas repetidas à Ilha Maurício onde ele vai chorar pelo Dodô. Por causa de uma greve na BBC, esse episódio nunca foi transmitido, e mais tarde Douglas Adams reciclou o persistente motivo do Dodô em outra novela denominada Agência de detetives holística.

Numa certa ocasião o conto do Dodô caiu nas mãos de um bem quisto professor universitário brasileiro, dito pelos colegas de ambientalista. Ao lê-lo, o professor comovido de tanta emoção não suportou suas lágrimas, seus olhos marejaram e êle com vergonha dos alunos escondeu num canto do corredor. Foi quando alguns alunos se aproximaram e perguntaram:

- Porque choras professor?

E assim rodeado de alguns alunos, com ar professoral de sempre e com sabedoria, o professor respondeu:

- Choro pela triste história do Dodô!

Percebendo que seus alunos não entenderam começou a explicar:

- Dodô era uma ave indefesa que habitava as Ilhas Maurício, localizada no oceano Indico, descoberta por marinheiros portugueses e holandeses. Após uma série de atrocidades cometidas por estes, esta foi completamente extinta.

Os ancestrais do Dodô chegaram até o local, hoje denominado Ilhas Maurícias ou Maurício, ainda aladas, com o passar dos tempos, a seleção natural que está sempre mexendo nas espécies, diminuindo, expandindo, ajustando, pondo e tirando, otimizando o êxito



reprodutivo imediato, contribuiu para que os dodôs perdessem as asas, pois não precisavam mais delas, especialmente porque não encontraram predadores na ilha e assim, por milhares de anos viveram e construíram suas colônias.



Quando os navegantes portugueses chegaram a Maurício em 1507, os abundantes dodôs grandes aves que chegavam a pesar até 15 quilos, eram completamente mansos e se aproximavam daquelas novas figuras, sem receio ou desconfiança, já que por milhares de anos não haviam confrontado com predadores. Os infelizes dodôs foram mortos a pauladas pelos portugueses e mais tarde pelos holandeses. Muitos foram mortos por esporte. A extinção veio a galope. Como é comum, ela ocorreu por uma combinação de fatores. Os humanos introduziram na ilha cães, porcos, ratos e refugiados religiosos. Os cães os caçavam de forma esbaforida, os porcos e ratos comiam seus ovos, os humanos planta-

vam cana-de-açúcar e destruíram os seus habitats.

Chorar pelo Dodô, me remete a todas estas situações e outras mais, por isto, choro também por aqueles que o modelo fez com que perdessem seus territórios, choro pelos sem teto, choro pelos que foram enganados, choro por aqueles que o sistema fez perder o amor pela vida, choro pelos que tem fome.

Mas gostaria de lhes falar também, que por detrás de todo este chorar, que se manifesta de forma explícita, esconde um choro ainda mais dolorido, que procuro esconder, para que ninguém possa ver meus olhos marejados. Este choro é pelos elementos fundamentais que a educação perdeu, principalmente a dignidade, o respeito, o entusiasmo e o orgulho de ser professor. Para mim ele é o sinônimo da própria vergonha, por isso procuro chorar escondido e bem baixinho. Sinto vergonha da incapacidade de não poder ter evitado os tenebrosos caminhos que conduziram a educação para a situação em que se encontra.

E por último, dirigindo-se aos alunos ainda falou:

- A compreensão da realidade atual cibernética, a inércia na tomada de atitudes radicais, a falta de conscientização, a abdição do papel fundamental da educação na formação de cidadãos conscientes, e o abandono da busca da felicidade e liberdade, são situações que somente poderão ser explicadas, ou talvez compreendidas, através da mudança radical dos padrões de como vimos o mundo, e como o vemos atualmente. Para isto, a busca de novos paradigmas se torna imprescindível. Os que existem são incapazes de fornecer as respostas necessárias para acharmos o caminho do êxito e do equilíbrio.



Moral: Se falharmos nesta missão, é possível que tenhamos o mesmo destino dos saudos dodôs, mas certamente não sobrarão ninguém para chorar por nós.



Sábado, 26 de novembro de 2016